Um convite ao autodesenvolvimento.

abril, 2011

Ao redor do mundo, escolas de todos os níveis vêm procurando novos modelos de interação com seus alunos. Quer seja no nível fundamental, intermediário ou superior, existe uma percepção por parte dos professores e da sociedade que os modelos tradicionais, apesar de continuarem importantes e, para algumas finalidades, serem os mais indicados, são insuficientes na obtenção de objetivos mais amplos como aprendizado de longo prazo e mudanças comportamentais. Tais objetivos, parece haver um consenso entre educadores, precisariam ser trabalhados por novas formas de relacionamento entre alunos e professores. Apesar do tema dessa introdução, não pretendo aqui explorar novas formas de trabalhar o ciclo de ensino-aprendizagem. A minha ideia é desafiar uma concepção que está por trás desse ciclo e, assim como os já desgastados paradigmas, direciona a nossa atenção para um determinado enfoque em vez de outro. A pergunta que trago reflexão: qual seria, para você, o objetivo de uma aula ou de uma disciplina ou de um curso?

É evidente que essa pergunta admite muitas respostas válidas. A minha convicção é que essa resposta fundamental na determinação da forma como trabalharemos com os alunos em sala. Por exemplo, uma resposta válida, e bastante difundida, é que o objetivo de uma aula seria para a pessoa aprender uma determinada tarefa ou um conceito específico. Essa concepção de aula levará a um desenho de aula determinado. Concepções diferentes induzirão a desenhos de aula diferentes.

Por causa da importância fundamental dessa visão inicial do que deve ser um encontro com os alunos, que me animo a compartilhar a minha visão pessoal sobre a questão será feito logo mais abaixo, e pedir a todos os colegas que reflitamos sobre as crenças fundamentais que nos guiam ao realizar o exigente e detalhado exercício de desenvolver um programa, uma ementa e um aula-a-aula que contemple as principais atividades que serão realizadas a cada passo da disciplina.

Particularmente, penso que a educação exista para transformar a vida das pessoas. Nossos alunos e suas famílias, as empresas que os contratam ou nos enviam seus executivos para conquista de novas experiências, a sociedade de forma geral, confiam que a Experiência ESPM é forte o bastante para que as pessoas que ficam conosco por um período saiam transformadas. Não é necessário me alertar que essa é uma visão idealizada do processo educacional, mas a tenho como objetivo. E, nos meus anos como educador, cheguei a seguinte conclusão:as pessoas, ao final de seus programas, atingiram esse resultado ou caminharam mais longe nesse sentido, são aquelas que enxergaram o seu tempo na ESPM como um convite ao seu próprio auto-desenvolvimento e a ele se dedicaram com afinco.

Pois não há mudança mais eficaz do que a consentida, a almejada. Portanto, voltando à questão de reflexão proposta: qual seria o objetivo de um curso, de uma disciplina, de uma aula? Minha resposta para isso é fazer um convite ao auto-desenvolvimento. Mas não só isso, fazer um convite de tal forma que nossas alunas e nossos alunos o aceitem com entusiasmo pois, dado esse primeiro passo – o consentimento – eles irão dar os passos

adicionais essenciais para atingir esse objetivo: estudar com afinco, se dedicar às tarefas propostas e desenvolver uma disciplina de bons hábitos acadêmicos.

Recentemente, li um artigo muito instigante sobre o desenvolvimento de habilidades musicais de um solista internacional. A conclusão a que os autores chegaram é que são necessárias 10 mil horas (!) de treino para se elevar a esse nível de competência. Grosso modo, isso representa umas quatro horas por dia, todos os dias, durante dez anos. Um executivo que trabalhe umas dez horas por dia ainda assim demoraria uns três a quatro anos para atingir o nível similar de desempenho em seu cargo atual.

Uma consequência inescapável dessa regra das 10 mil horas esta na necessidade de contar, obrigatoriamente, com o movimento íntimo dos nossos alunos para que a transformação tenha êxito ao final do programa. E, como qualquer transformação, ela não acontece de uma hora para outra, mas é fruto das pequenas descobertas e mudanças ocorridas ao longo do caminho. Ou seja, é do trabalho de cada professora, de cada professor, em cada aula.

Fica então a proposta de como estruturar nossos contatos com os alunos em convites ao auto-desenvolvimento, à transformação. Esse é um objetivo muito mais difícil de ser atingido do que tão somente o aprendizado de um conceito. Mas é o nosso desafio. Não tenho um mapa para essa jornada, não possuo uma receita para cada disciplina. No entanto, creio que temos experiências incríveis em cada unidade e podemos aprender muito uns com os outros.

Obrigado e até nosso próximo encontro.

Alexandre Gracioso
Diretor acadêmico
ESPM